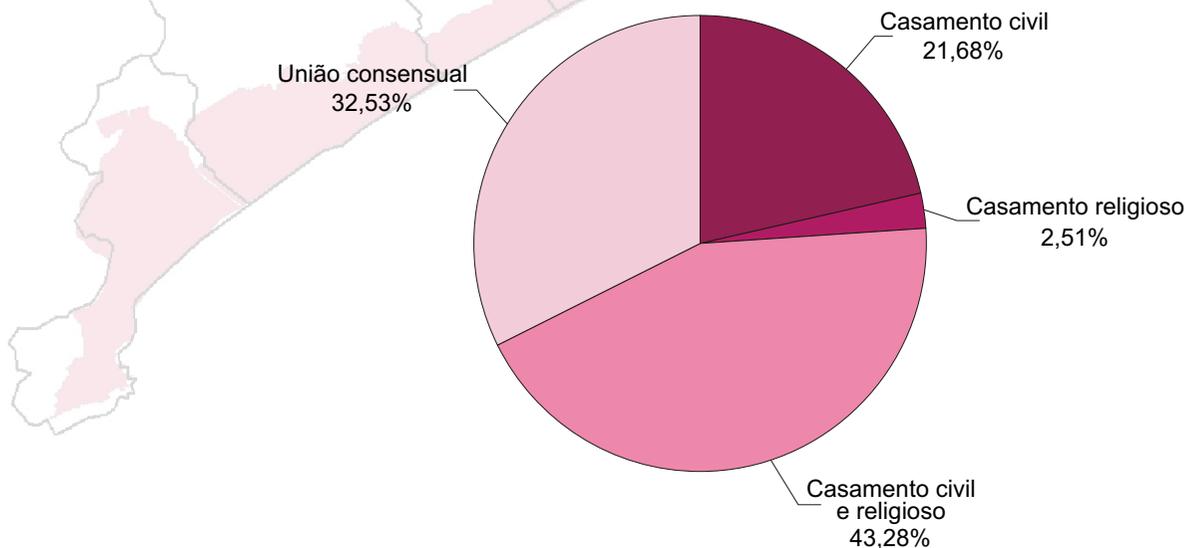


5. Família e comunidade

População urbana de 10 anos e mais: situação conjugal por sexo e idade

Grupos etários	População masculina				População feminina			
	Situação conjugal			Total	Situação conjugal			Total
	Vive em união	Já viveu em união	Nunca viveu em união		Vive em união	Já viveu em união	Nunca viveu em união	
10 a 24 anos	2,06	0,63	24,19	26,88	4,08	0,79	20,87	25,74
25 a 39 anos	18,01	1,57	8,18	27,76	16,31	4,91	5,25	26,47
40 a 54 anos	18,26	2,37	2,12	22,74	14,16	5,16	1,99	21,31
55 a 69 anos	13,42	2,40	0,50	16,32	9,64	7,63	0,77	18,04
70 anos e mais	4,32	1,62	0,36	6,30	2,16	5,76	0,52	8,43
Total	56,07	8,58	35,35	638.297	46,35	24,25	29,40	784.542

População urbana de 10 anos e mais unida: natureza da união atual



Se há uma característica básica na vida familiar contemporânea, esta característica é a diversidade. As famílias divergem profundamente em mais de um aspecto, como poderá ser observado através dos dados apresentados.

A formação de uma nova família elementar inicia-se, via de regra, pela constituição de um casal coabitante. Esta é ainda a norma preferencial na sociedade brasileira, embora se possam encontrar formas alternativas, como por exemplo, casais que não coabitam, mas “vivem separados, porém juntos” ou ainda mães ou pais que criam sozinhos seus filhos, biológicos ou adotivos.

Na RMBS, a maioria da população adulta vive ou já viveu alguma vez em união, conforme atesta a tabela ao lado. São poucas as pessoas após os 40 anos de idade que jamais viveram unidas. O maior volume de homens jamais unidos em relação às mulheres pode ser explicado de um modo geral, por padrões culturais distintos de idade ao casar para homens e mulheres, com estas unindo-se mais cedo. De fato, as maiores diferenças relativas nas proporções de homens e mulheres não unidos encontram-se nas faixas etárias mais jovens. A partir dos 40 anos de idade, estas diferenças praticamente desaparecem.

Contudo, uma diferença significativa encontra-se nas proporções daqueles que vivenciaram rupturas de uniões anteriores: as mulheres aí suplantam amplamente os homens, em função não apenas de divórcios e separações, mas também da viuvez. A sobremortalidade masculina (ou seja a razão entre as taxas de mortalidade masculina, mais elevadas, e as taxas de mortalidade feminina por faixa etária), aliada a padrões diferenciais de idade ao casar para homens e mulheres produz mais viúvas do que viúvos.

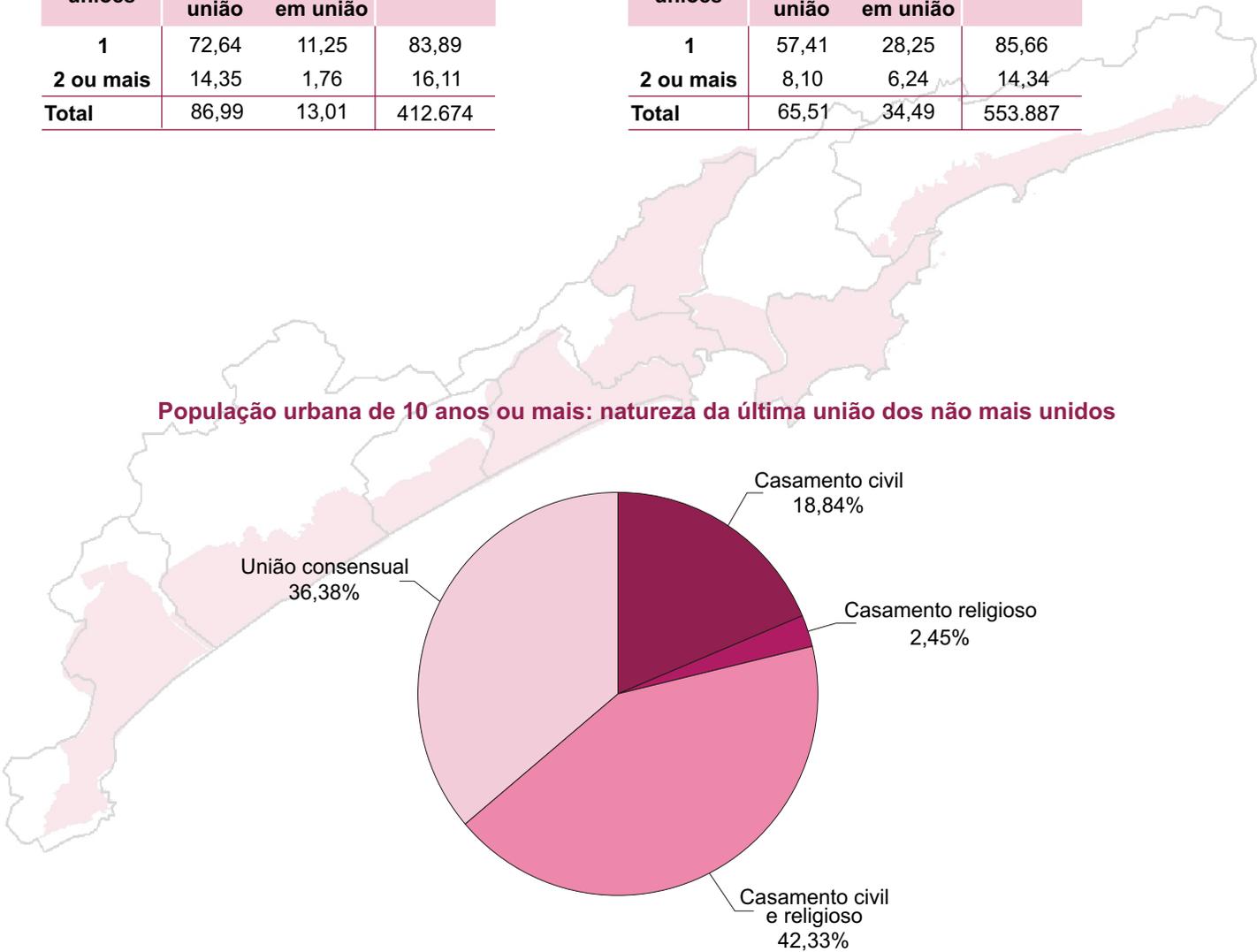
Mas a entrada em união pode ocorrer de várias maneiras distintas: através de uniões sancionadas legalmente, religiosamente ou simplesmente pelo costume. Como na grande maioria dos países latino-americanos, no Brasil, historicamente, parcela significativa das uniões é de natureza consensual, sem formalização legal ou religiosa. A RMBS não foge ao padrão e apresenta mesmo uma proporção de uniões consensuais acima da média nacional apontada pelo Censo 2000, 28,6%. Nesta região, das uniões em curso, cerca de um terço é de natureza consensual, suplantando o casamento apenas religioso assim como também o casamento apenas civil, embora este último apresente um volume bastante significativo. O casamento civil e religioso permanece, porém, a forma predominante de união.

População urbana de 10 anos ou mais alguma vez unida segundo situação conjugal e número de uniões

Nº de uniões	População masculina		Total
	Situação conjugal		
	Vive em união	Já viveu em união	
1	72,64	11,25	83,89
2 ou mais	14,35	1,76	16,11
Total	86,99	13,01	412.674

Nº de uniões	População feminina		Total
	Situação conjugal		
	Vive em união	Já viveu em união	
1	57,41	28,25	85,66
2 ou mais	8,10	6,24	14,34
Total	65,51	34,49	553.887

População urbana de 10 anos ou mais: natureza da última união dos não mais unidos



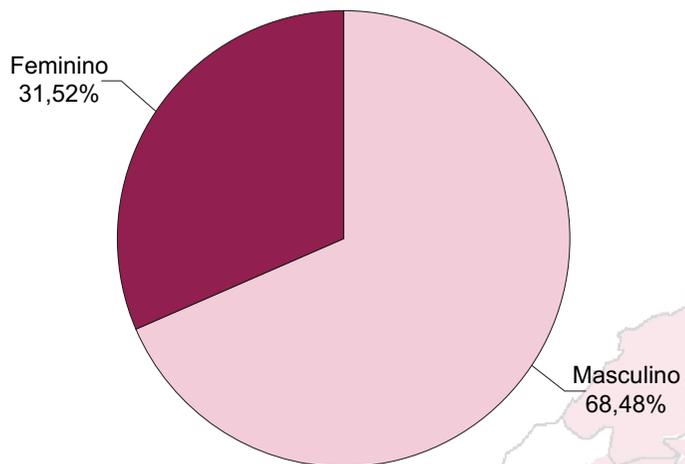
Parte das uniões em curso já constituem novas tentativas de se estabelecer uma vida a dois. Conforme as tabelas ao lado, mais de 14% dos homens atualmente unidos tiveram mais de uma união. Para as mulheres este valor é de cerca de 8%. A probabilidade de estabelecer uma nova união após o término da primeira (por morte do cônjuge ou separação) parece ser maior para os homens. Note-se ainda o grande contingente de mulheres que não se recasa após o término da primeira união. Mas deve-se considerar que são mulheres mais velhas (idade mediana de 57 anos contra 42 anos como mediana entre as unidas) e que 47,9% delas declaram-se viúvas contra 33,9% dos homens na mesma condição e cuja idade mediana é de 53 anos. A sobremortalidade masculina e a idade podem assim explicar em parte, as diferenças entre homens e mulheres.

O exame da natureza das uniões já desfeitas por morte ou separação não revela grandes diferenças em relação às uniões em curso. O quadro geral é o mesmo, conforme se constata no gráfico ao lado.

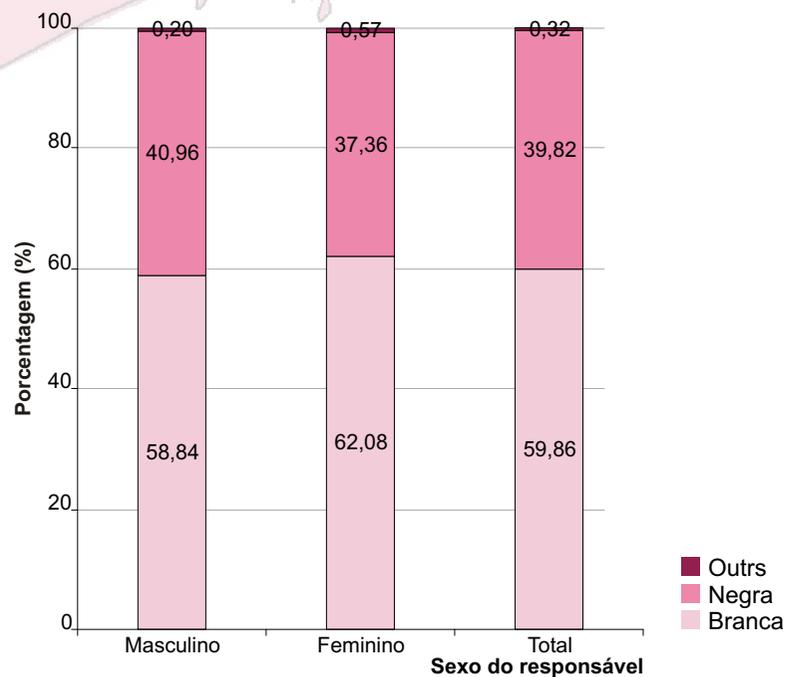
Fonte: Pesquisa domiciliar do Projeto Vulnerabilidade FAPESP/CNPq. Tabulações especiais, NEPO/UNICAMP (2007).

A diversidade dos domicílios: sexo e cor dos responsáveis

Distribuição dos domicílios urbanos segundo o sexo do responsável



Cor do responsável pelo domicílio segundo o sexo



A dinâmica das uniões, separações e a viuvez, aliadas a outros fatores, como a migração e o próprio aumento da esperança de vida da população engendram diferenças na composição dos domicílios.

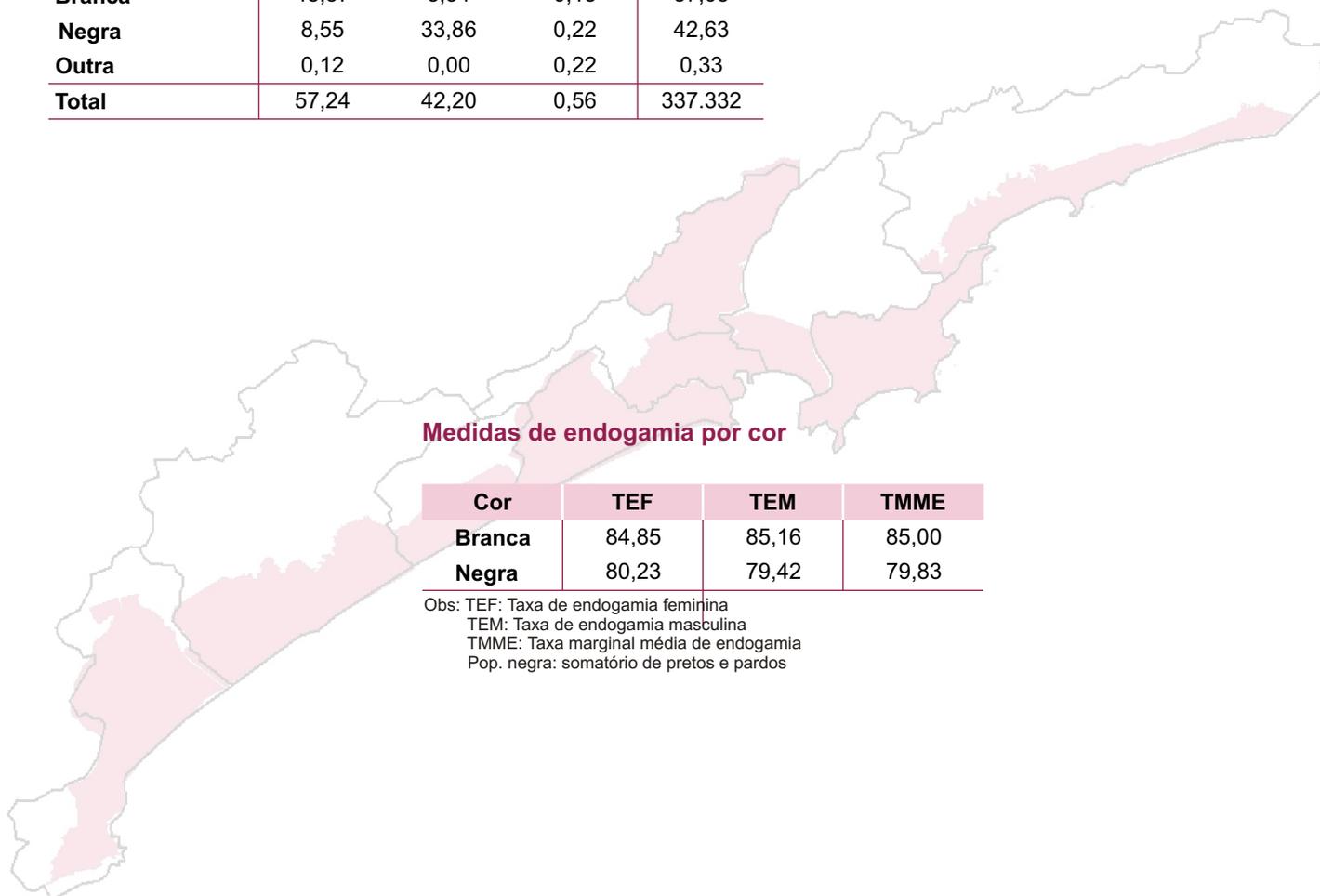
Dentre estas diferenças destaca-se o sexo do responsável. Na RMBS, 31,52 % dos domicílios urbanos, ou seja, 175764 de um total de 557627 têm uma mulher como principal responsável.

O tema da "chefia feminina" é recorrente na literatura latino-americana. Trata-se de fenômeno histórico que, em nosso país remonta ao período colonial e cuja origem está associada a relações profundamente desiguais de gênero, raça e classe social que resultavam no abandono, pelos parceiros, das mulheres pobres, geralmente negras ou pardas e de suas proles. A chefia feminina hoje parece ter outras características. Como será demonstrado mais adiante, ela não mais se restringe às parcelas mais pobres da população e vem crescendo de maneira sistemática desde, pelo menos os anos 70 do século passado. Mas é importante observar que há profunda diferença entre as dinâmicas familiares dos domicílios com responsável homem e com responsável mulher. Basta mencionar que 93,8% das mulheres chefes de domicílio não têm cônjuges, contra apenas 14,3% de chefes homens na mesma situação.

Os dados da RMBS mostram ainda que a distribuição por cor dos responsáveis por domicílios de sexo feminino não se diferencia significativamente da distribuição dos responsáveis de sexo masculino. Em ambas predominam aqueles de cor branca que representam 62% dos domicílios de responsabilidade feminina e 59% daqueles de responsabilidade masculina.

Domicílios urbanos: cor do responsável homem segundo cor do cônjuge mulher

Cor do responsável homem	Cor do cônjuge			Total
	Branca	Negra	Outra	
Branca	48,57	8,34	0,13	57,03
Negra	8,55	33,86	0,22	42,63
Outra	0,12	0,00	0,22	0,33
Total	57,24	42,20	0,56	337.332



Medidas de endogamia por cor

Cor	TEF	TEM	TMME
Branca	84,85	85,16	85,00
Negra	80,23	79,42	79,83

Obs: TEF: Taxa de endogamia feminina
 TEM: Taxa de endogamia masculina
 TMME: Taxa marginal média de endogamia
 Pop. negra: somatório de pretos e pardos

Considerando -se os chefes de domicílio homens e seus cônjuges, de um modo geral, em ambas as categorias de cor/raça observa-se alta tendência à formação de casais endogâmicos, ou seja, casais onde ambos os cônjuges pertencem à mesma categoria de cor. Há contudo variações de intensidade. A endogamia é maior entre homens e mulheres brancos. Já entre os homens e mulheres negros (somatório dos pretos e pardos) a endogamia é sensivelmente menor, principalmente entre as mulheres. Infelizmente o tamanho da amostra investigada não permite o cálculo desagregado para homens e mulheres de cor preta e de cor parda. Não se pode esquecer, porém, que as taxas de endogamia por cor dependem da própria composição por cor da população, uma vez que esta afeta a estrutura do mercado matrimonial e, por conseguinte, a disponibilidade de parceiros da mesma cor.

Anos de instrução dos responsáveis por domicílios urbanos do sexo masculino segundo os anos de instrução do cônjuge

Anos de instrução do RD	Anos de instrução do cônjuge feminino					Total
	0 a 3	4	5 a 8	9 a 11	12 ou mais	
0 a 3	5,02	1,43	2,76	0,34	0,08	9,63
4	6,23	3,96	2,87	1,23	0,24	14,53
5 a 8	6,01	4,52	15,53	5,27	0,95	32,27
9 a 11	5,30	1,14	7,15	15,39	2,20	31,18
12 ou mais	2,70	0,08	0,69	4,17	4,74	12,39
Total	25,26	11,13	29,00	26,40	8,21	326.111

Medidas de endogamia por anos de instrução

Anos de instrução	TEM	TEF	TMME	TEFP	TEFN
0 a 3	0,52	0,20	0,29	0,80	-
4	0,27	0,36	0,31	0,52	0,13
5 a 8	0,48	0,54	0,51	0,27	0,19
9 a 11	0,49	0,58	0,53	0,16	0,26
12 ou mais	0,38	0,58	0,46	-	0,42

Obs: TEM: Taxa de endogamia masculina
 TEF: Taxa de endogamia feminina
 TMME: Taxa marginal média de endogamia
 TEFP: Taxa de exogamia feminina positiva
 TEFN: Taxa de exogamia feminina negativa

A maior ou menor tendência a se buscar um parceiro ou parceira com atributos semelhantes aos seus próprios também pode ser observada através dos dados de escolaridade. Contudo, na RMBS esta tendência também tem diferentes intensidades nos distintos níveis de instrução. A maior taxa de endogamia pode ser observada entre as mulheres com 12 anos ou mais de instrução. A menor também ocorre entre as mulheres, mas no extremo oposto do nível de escolaridade: até 3 anos de instrução. Entre estas mulheres, a taxa de exogamia positiva (TEFP), ou seja, a tendência à união com homens com escolaridade mais alta suplanta a endogamia. O mesmo ocorre entre as mulheres com 4 anos completos de instrução. Já entre as mulheres com o máximo nível de instrução, como não poderia deixar de ser, a exogamia é negativa, ou seja, quando não se mantém o padrão endogâmico, as uniões serão com parceiros com menor escolaridade. Deste modo, se em geral as mulheres tendem a se casar no seu mesmo grupo ou "para cima", ou seja, com um parceiro com nível de instrução superior, a exogamia positiva vai se enfraquecendo na medida em que se avança na escala de escolaridade, quando aumenta a Taxa de Exogamia Feminina Negativa.

As taxas de endogamia por instrução para os homens (TEM) apresentam tendência oposta daquela apresentada pela mesma taxa entre as mulheres (TEF): entre os primeiros, quanto maior o nível de escolaridade, menor a endogamia, ou seja, menor a tendência de se casarem com parceiras com o mesmo nível de escolaridade. Os valores das taxas masculinas incidem sobre a Taxa Marginal Média de Endogamia fazendo com que esta, para pessoas com 12 anos ou mais de instrução seja menor do que as dos níveis imediatamente anteriores.

Domicílios urbanos: arranjos domésticos segundo sexo do responsável

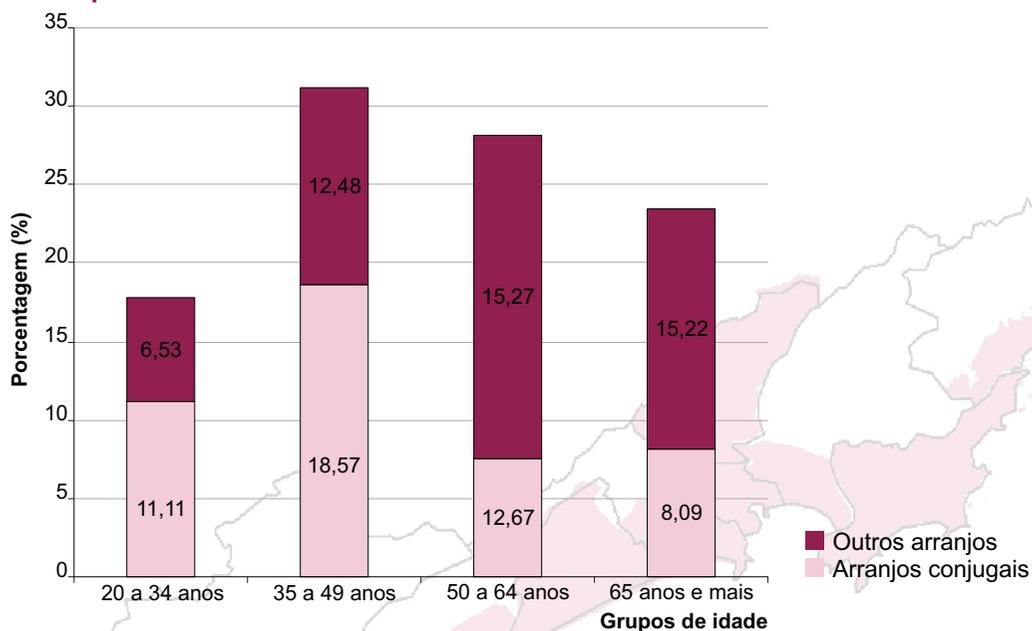
Arranjos domésticos	Sexo do responsável		Total
	Masculino	Feminino	
Pessoa sozinha	9,66	28,79	15,69
Só casal	22,97	1,28	16,14
Casal e filhos	50,68	2,86	35,61
Monoparental	1,23	38,39	12,94
Monoparental e parentes	0,73	11,30	4,06
Biparental e parentes	3,92	0,68	2,90
Núcleos aparentados	6,01	8,42	6,77
Outros arranjos com parentes	3,66	7,05	4,73
Arranjos com não parentes	1,15	1,23	1,17
Total	381.863	175.764	557.627
Idade média do responsável	49	55	51
Idade mediana do responsável	47	57	50

A análise comparativa dos domicílios de responsabilidade masculina ou feminina revela grandes diferenças em sua composição. Assim, se entre aqueles de responsabilidade masculina predominam amplamente os casais com filhos, seguidos daqueles constituídos apenas pelos casais, entre aqueles de responsabilidade feminina predominam os monoparentais, constituídos exclusivamente por um grupo mãe/filho(s), seguidos por aqueles unipessoais.

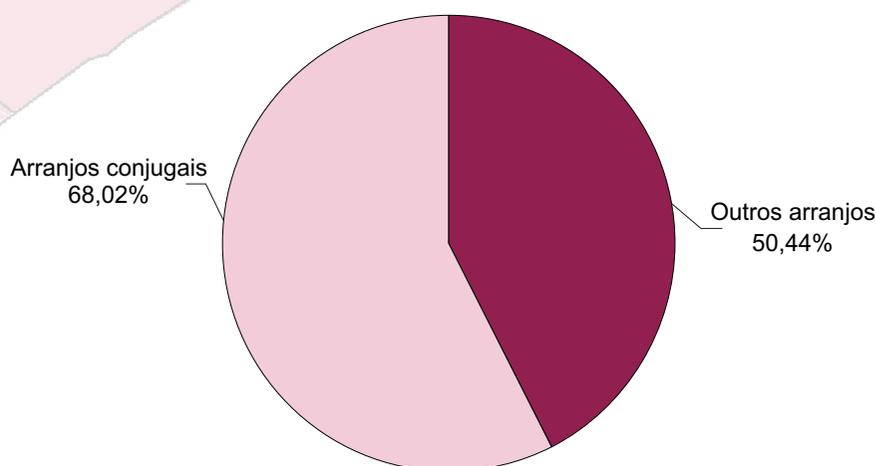
Chama ainda a atenção a importância das relações de parentesco outras que ultrapassam a família nuclear (pais e filhos, tomando-se o responsável como referência) na composição dos grupos domésticos. Isto é particularmente verdadeiro para os domicílios de responsabilidade feminina, em cuja distribuição mais de um quarto envolve outras relações de parentesco. Contudo, o mesmo índice tampouco é desprezível entre os domicílios de responsabilidade masculina onde representam cerca de 14% da distribuição, percentual próximo ao observado no conjunto dos domicílios (18,5%).

Considerados isoladamente, os distintos arranjos com parentes não têm representatividade estatística, mas decidiu-se mantê-los na tabela para exemplificar, de forma qualitativa, as diferentes combinações de parentesco possíveis: estas vão desde as formas mais simples, agregando membros de antigos núcleos dispersos (irmãos, por exemplo) passam pelos arranjos que se organizam em torno de um núcleo de reprodução formado pelo casal e filhos (as biparentais com parentes) e podem alcançar formas mais complexas, representadas pela articulação entre dois ou mais núcleos de reprodução. Neste caso, pode-se encontrar, por exemplo, grupos constituídos pelo responsável (com ou sem cônjuge) e filhos, dentre os quais, um pode ter seus próprios filhos e/ou estar vivendo em união, compondo assim famílias com membros de três gerações distintas.

Domicílios urbanos: arranjos domésticos, segundo grupos de idade do responsável



Domicílios urbanos: distribuição percentual dos arranjos domésticos



A grande diversidade observada nos arranjos domésticos está associada ao ciclo de vida familiar e às transformações que as unidades familiares vão sofrendo ao longo do tempo. O gráfico ao lado dá conta simultaneamente de duas dimensões: a primeira é a participação relativa dos domicílios cujos chefes estão em cada grupo etário, no conjunto dos domicílios amostrados. A segunda dimensão é a distribuição proporcional dos arranjos domésticos pelas diferentes idades dos chefes. Neste gráfico, tomando-se como referência do ciclo de vida a idade do responsável pelo domicílio, conforme percebe-se que as famílias conjugais de responsabilidade masculina (casais com filhos e só casais) são predominantes nas idades mais jovens e decrescem nas idades mais avançadas dos chefes. Entre os domicílios onde o chefe tem 50 anos ou mais predominam os "outros arranjos", que podem assumir diversas formas: pessoas sozinhas, famílias monoparentais de chefia feminina, arranjos com parentes. É bastante provável que boa parte das famílias conjugais com chefes de 65 anos e mais sejam casais na fase do "ninho vazio", isto é, já sem filhos residentes. Também nas idades mais avançadas costumam ser mais frequentes as pessoas sozinhas, principalmente mulheres sozinhas.

Arranjos de trabalho segundo tipo de arranjo doméstico *

Responsável pelo domicílio masculino	só o chefe	arranjos de trabalho envolvendo filhos	arranjos de trabalho envolvendo cônjuge	arranjos de trabalho envolvendo outros parentes	Total
Família conjugal	40,66	21,41	45,23	0,00	73,65
Família monoparental	52,26	47,74	0,00	0,00	1,23
Família ampliada por parentesco	16,19	43,55	28,34	34,11	14,31
Outros arranjos	84,64	1,74	3,75	9,97	10,80
Total	39,85	24,03	38,85	6,48	381.863

Responsável pelo domicílio feminino	só o chefe	arranjos de trabalho envolvendo filhos	arranjos de trabalho envolvendo cônjuge	arranjos de trabalho envolvendo outros parentes	Total
Família conjugal	17,2	33,9	77,3	0,0	4,14
Família monoparental	49,0	51,0	0,0	0,0	38,39
Família ampliada por parentesco	18,3	57,1	5,8	37,7	27,45
Outros arranjos	91,6	2,5	0,0	5,9	30,03
Total	41,7	46,2	6,1	14,3	175.764

Todos os domicílios	só o chefe	arranjos de trabalho envolvendo filhos	arranjos de trabalho envolvendo cônjuge	arranjos de trabalho envolvendo outros parentes	Total
Família conjugal	40,04	20,11	46,07	0,00	51,74
Família monoparental	49,17	50,83	0,00	0,00	12,94
Família ampliada por parentesco	17,13	47,86	18,14	35,74	18,45
Outros arranjos	87,46	0,99	2,23	8,33	16,86
Total	40,36	28,83	29,70	8,66	557.627

(*) Respostas múltiplas

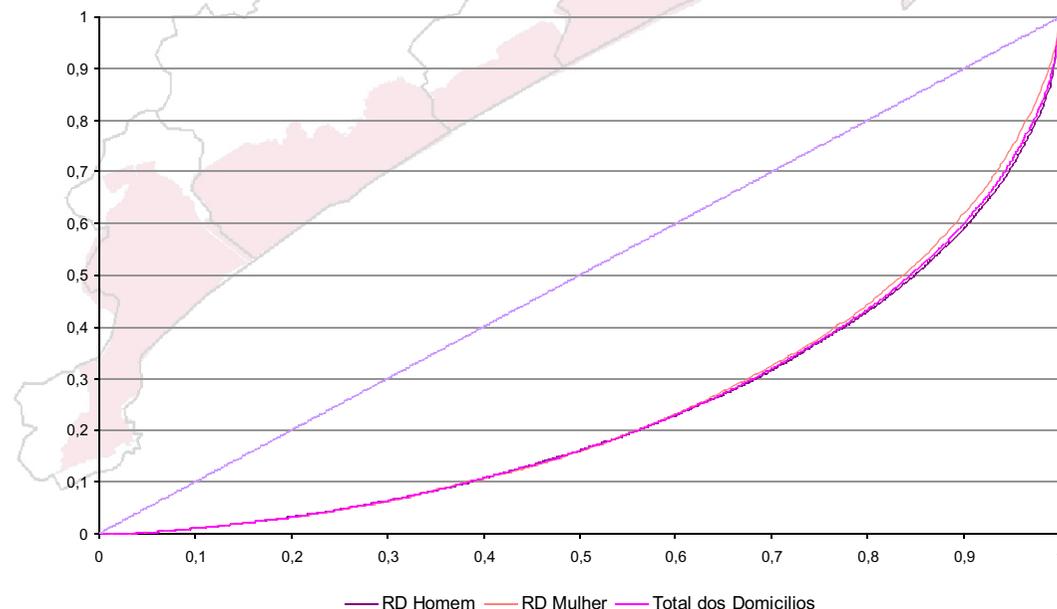
Mas as famílias não mudaram apenas na configuração de residência. Elas mudaram também internamente, ou seja, da perspectiva das relações de gênero e de geração. Mesmo as famílias conjugais, não seguem todas o “modelo do único provedor”, baseado na relação entre uma mulher dona de casa, envolvida com o trabalho doméstico não remunerado e um homem envolvido no trabalho remunerado produtor de mercadorias. Conforme o quadro ao lado, mesmo nas famílias conjugais com responsável homem, o número deles que se mantém na posição de único provedor não passa de 41%, ou seja, menos da metade. Na maioria delas, as mulheres cônjuges também trabalham. Em outras ainda, verifica-se o trabalho dos filhos. Nas famílias ampliadas, um reforço adicional ao número de provedores é representado pelos parentes. Nos grupos domésticos de responsabilidade masculina, o trabalho solitário do chefe tem maior relevância apenas entre os “outros arranjos domésticos”, mas por que aí estão contabilizados as pessoas sozinhas e os arranjos com não parentes. Nos arranjos de responsabilidade feminina ocorre processo semelhante, ou seja, as mulheres chefes são maciçamente as únicas provedoras apenas no caso dos “outros arranjos” em grande parte constituídos pelas pessoas sozinhas. Mesmo entre as famílias monoparentais formadas apenas por grupos mãe-filhos, o trabalho apenas da mulher é menos freqüente. Nota-se aí o uso intensivo do trabalho dos filhos, o que não quer dizer necessariamente uso do trabalho infantil. Dada a idade mediana mais elevada das mulheres chefes, é mais provável que se trate de jovens e adultos jovens. Também nas famílias ampliadas de responsabilidade feminina o trabalho dos filhos permanece intenso e supera os arranjos que envolvem o trabalho de outros parentes, bem menos freqüente.

Rendimento domiciliar e per capita mediano segundo arranjos domésticos

Arranjos domésticos	Sexo do responsável pelo domicílio						Total dos domicílios		
	Masculino			Feminino			Rendimento domiciliar mediano em R\$	Rendimento per capita mediano em R\$	Tamanho médio do domicílio
	Rendimento domiciliar mediano em R\$	Rendimento per capita mediano em R\$	Tamanho médio do domicílio	Rendimento domiciliar mediano em R\$	Rendimento per capita mediano em R\$	Tamanho médio do domicílio			
Família conjugal	1.280,00	420,00	3,26	*	*	*	1.280,00	413,00	3,26
Família monoparental	*	*	*	1.080,00	400,00	2,75	1.100,00	407,00	2,75
Família ampliada	1.920,00	462,00	4,49	1.430,00	383,00	3,82	1.690,00	413,00	4,18
Outro arranjo	900,00	800,00	1,25	840,00	800,00	1,07	880,00	800,00	1,15
Total	1.300,00	450,00	3,21	1.030,00	500,00	2,56	1.200,00	475,00	3,01

(*) Dados não significativos

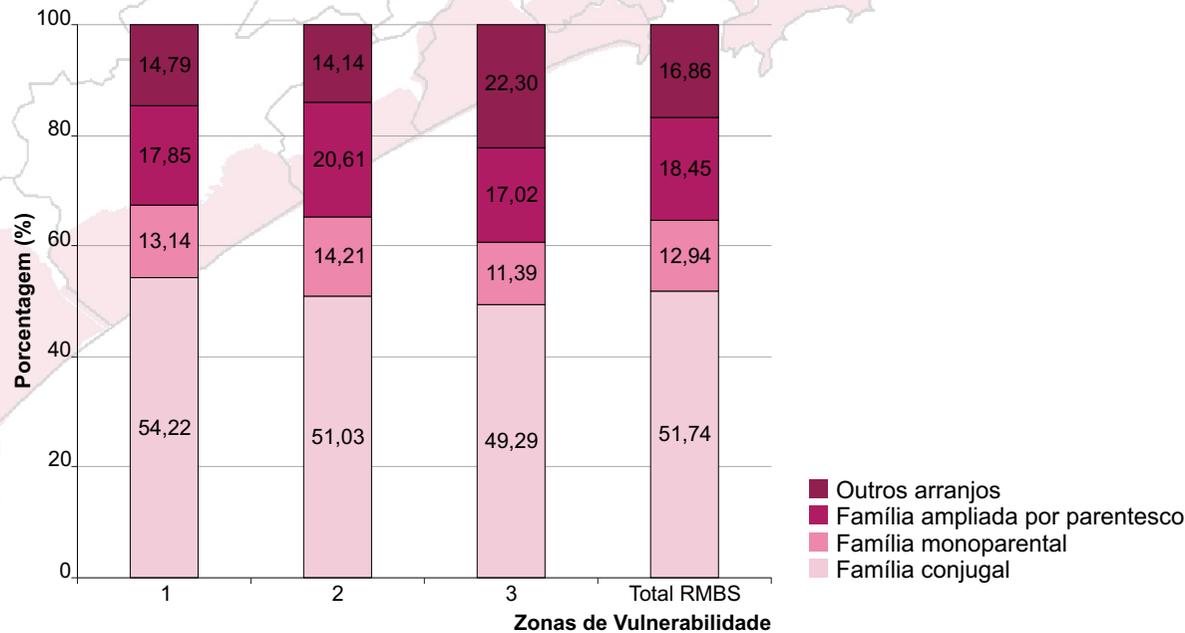
Coefficientes de Gini para domicílios por sexo do responsável e total



No geral, na RMBS, os rendimentos medianos percebidos pelos domicílios de responsabilidade masculina são 26% mais altos do que aqueles recebidos pelos domicílios encabeçados por mulheres. Contudo, o maior tamanho médio dos primeiros faz com que a sua renda per capita mediana seja menor. Esta relação se sustenta na comparação entre os tipos de família em cada uma das distribuições. Assim, as famílias conjugais de responsabilidade masculina têm ganhos superiores aos das famílias monoparentais femininas mas sua renda per capita é menor. O mesmo ocorre na comparação entre as famílias ampliadas e os "outros arranjos" das duas distribuições. Não só a tendência central em certo sentido favorece as mulheres, como também é preciso observar também que as desigualdades de renda entre os domicílios de responsabilidade feminina são ligeiramente menores do que entre aqueles de responsabilidade masculina, conforme atestado pelos coeficientes de Gini: Assim, na RMBS, entre os domicílios de chefia masculina este coeficiente é de 0,5283 contra 0,5148 entre aqueles encabeçados por mulheres. Para o total dos domicílios da RMBS o coeficiente é de 0,5243.

Sexo do responsável pelo domicílio, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Zonas de Vulnerabilidade	Sexo do responsável pelo domicílio		Total
	Masculino	Feminino	
1	69,88	30,12	215.917
2	69,14	30,86	172.827
3	66,01	33,99	168.883
Total	68,48	31,52	557.627



Domicílios que têm uma mulher como responsável existem em todas as ZVs da RMBS. São, porém mais freqüentes na ZV3, na qual ocorre em percentual acima da média. Esta constatação demonstra não ser verdadeira, para a região investigada, a associação entre chefia feminina e pobreza, uma vez que esta ZV é a que apresenta as melhores condições socioeconômicas. Contudo, como pode ser verificado no gráfico, este aumento da responsabilidade feminina pelo domicílio nesta ZV não está associado ao aumento das famílias monoparentais (predominantemente de chefia feminina em amplíssima escala) que permanecem praticamente com o mesmo valor em todas as ZVs, e sim, ao aumento dos arranjos com parentes (famílias ampliadas) e dos arranjos do tipo "outros", isto é, arranjos com não parentes e domicílios unipessoais que assumem, nesta área, valores acima da média. A ZV3 é a que apresenta a menor ocorrência de famílias conjugais (casais ou casais e filhos) : 49,29 % contra 54,22 % na ZV1. A maior ocorrência da chefia feminina está, portanto ligada à maior heterogeneidade dos arranjos domésticos.

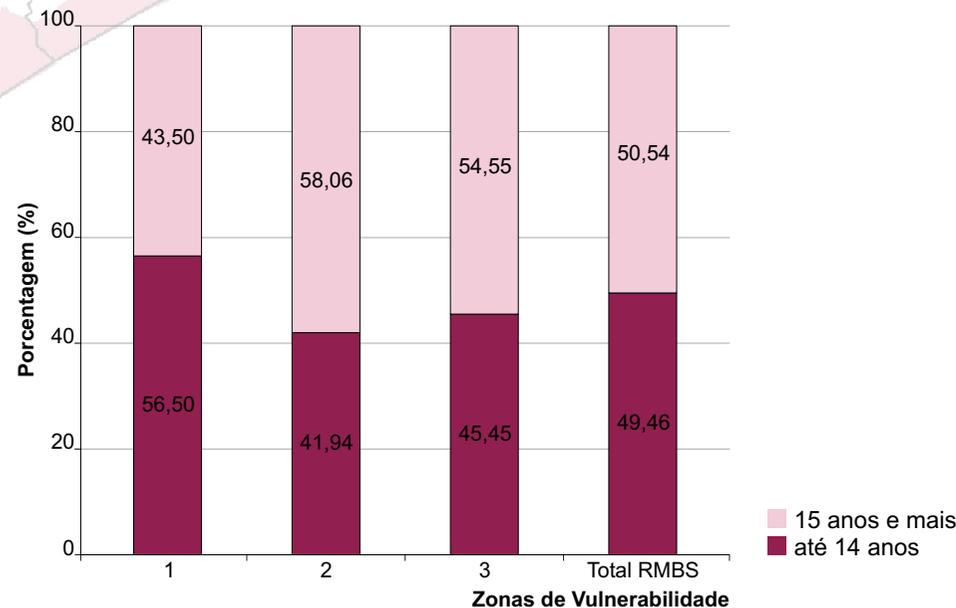
Distribuição dos domicílios nas ZVs segundo grupos de idade dos responsáveis homens

Idade do responsável homem	Zonas de Vulnerabilidade			Total
	1	2	3	
até 39 anos	38,50	31,06	25,19	32,29
de 40 a 54 anos	33,03	36,47	26,60	32,22
de 55 a 69 anos	22,48	23,73	32,34	25,75
70 anos e mais	6,00	8,74	15,87	9,74
Total	150.892	114.081	116.771	381.870

Distribuição dos domicílios nas ZVs segundo grupos de idade das responsáveis mulheres

Idade da responsável mulher	Zonas de Vulnerabilidade			Total
	1	2	3	
até 39 anos	29,49	18,14	13,38	20,79
de 40 a 54 anos	26,70	26,80	24,00	25,85
de 55 a 69 anos	33,64	32,87	32,82	33,14
70 anos e mais	10,17	22,20	29,79	20,22
Total	65.025	58.746	52.112	175.757

Idade das pessoas na condição de "filho" (incluindo adotivos e enteados), segundo Zonas de Vulnerabilidade



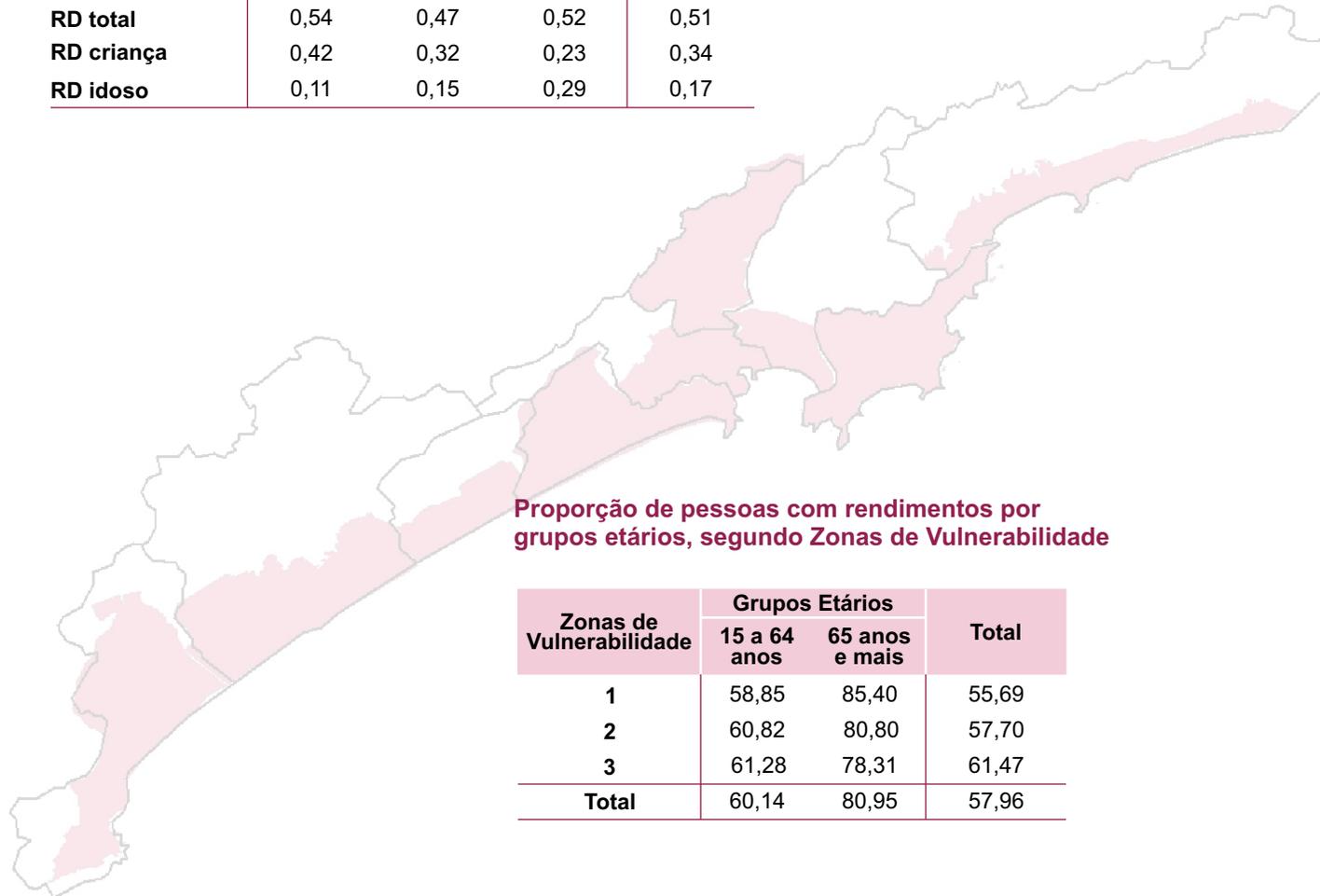
Outra dimensão importante a diferenciar as famílias das distintas ZVs é a idade do responsável pelo domicílio. Note-se que os chefes mais jovens, de ambos os sexos estão sobre-representados na ZV1. Já os chefes mais velhos estão sobre-representados na ZV3, de modo particularmente expressivo entre as responsáveis mulheres.

A idade do chefe permanece ainda como "proxy" importante para a "idade" da família, ou seja, famílias com chefes jovens tendem a ser também famílias nas fases iniciais do ciclo de vida, ainda sem filhos ou com filhos crianças. E realmente, conforme se verifica no gráfico subsequente, na ZV1, dentre as pessoas que ocupam a posição de filho, enteado ou filho adotivo no domicílio, predominam (56,5%) aqueles com até 14 anos de idade. Tal fato não ocorre nas ZVs 2 e 3 onde há uma maior ocorrência de chefes mais idosos.

Estas relações não são casuais. A noção de ciclo de vida familiar é importante na medida em que permite avaliar os efeitos da dimensão demográfica da organização do grupo doméstico - as relações entre os sexos e as idades de seus componentes, em suas diferentes fases, expressas pela razão de sexos e pela razão de dependência. Por exemplo, famílias conjugais ou monoparentais mais jovens, isoladas da rede de parentesco e em fase de expansão, tendem a apresentar mais altas razões de dependência (crianças), uma vez que contam apenas com no máximo dois adultos, sendo os demais moradores, crianças dependentes. Tais características, em situações não compensadas por salários razoáveis ou por políticas sociais, podem induzir uma maior vulnerabilidade familiar, uma vez que na ausência de políticas sociais voltadas aos cuidados com a infância (creches, educação infantil), ou da possibilidade de contar com cuidadores extradomiciliares, o trabalho materno remunerado é de difícil consecução (o que diminui também o poder de negociação salarial) quando não inviabilizado. Nestas condições é possível a ocorrência de redução do rendimento familiar, assim como o aumento da vulnerabilidade aos efeitos do desemprego, uma vez que toda a família depende de um único trabalhador adulto provedor de renda.

Razões de dependência total, de crianças e de idosos, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Razões de dependência	Zonas de Vulnerabilidade			Total
	1	2	3	
RD total	0,54	0,47	0,52	0,51
RD criança	0,42	0,32	0,23	0,34
RD idoso	0,11	0,15	0,29	0,17



Proporção de pessoas com rendimentos por grupos etários, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Zonas de Vulnerabilidade	Grupos Etários		Total
	15 a 64 anos	65 anos e mais	
1	58,85	85,40	55,69
2	60,82	80,80	57,70
3	61,28	78,31	61,47
Total	60,14	80,95	57,96

Na ZV1, exatamente a mais vulnerável, a razão de dependência de crianças é bem mais alta do que nas demais, embora mesmo nesta, o nível já esteja refletindo a acelerada queda da fecundidade em nosso país, à qual a RMBS não está imune. Embora na ZV2 a RD seja um pouco mais baixa os patamares são muito próximos, porém com notável mudança de composição interna, com redução da razão de dependência de crianças e aumento da razão de dependência de idosos. Mas na ZV3 a contribuição da RD-idosos para a RD total é de mais de 50%.

Contudo, esta razão de dependência de idosos, quando pensada no âmbito das famílias precisa ser mais bem qualificada. O prolongamento da vida ativa, a universalização das aposentadorias e a concessão do BPC (benefício de prestação continuada) aos idosos de mais de 65 anos que não tenham outra fonte de renda mudou profundamente a situação dos idosos e sua relação com a família. Estes talvez possam representar com o avançar da idade, a necessidade de cuidados e serviços, mas não são, necessariamente, um fardo econômico. Conforme a tabela ao lado verifica-se que em todas as ZVs são os idosos de 65 anos e mais o grupo com maior percentual de pessoas auferindo rendimentos. É bem possível, portanto que a maior ocorrência dos "outros arranjos domésticos" e das "famílias ampliadas por parentesco" na ZV3 esteja refletindo esta maior presença de idosos, em ambos os tipos de arranjo doméstico.

Domicílios urbanos: fontes de ajuda na solução de diferentes situações

A quem recorre para*	Empréstimo em dinheiro	Ajuda em espécie ou pequenas quantias (\$)	Ficar com as crianças	Cuidar de idosos/enfermos	Cuidar da casa	Informações sobre trabalho	Reforma/construção da casa
Ninguém/Não recorre	15,83	22,79	46,58	8,77	9,02	29,73	17,62
Parentes não residentes	31,99	47,64	19,43	29,50	29,02	6,99	11,73
Parentes moradores da casa	7,44	13,09	22,54	54,50	50,76	1,76	19,06
Outras relações pessoais	7,19	8,36	3,55	3,05	4,26	19,64	5,79
Instituições formais	37,54	8,13	7,90	4,19	6,94	41,89	45,80
Total	556.731	556.731	299.525	498.571	549.768	470.110	548.860

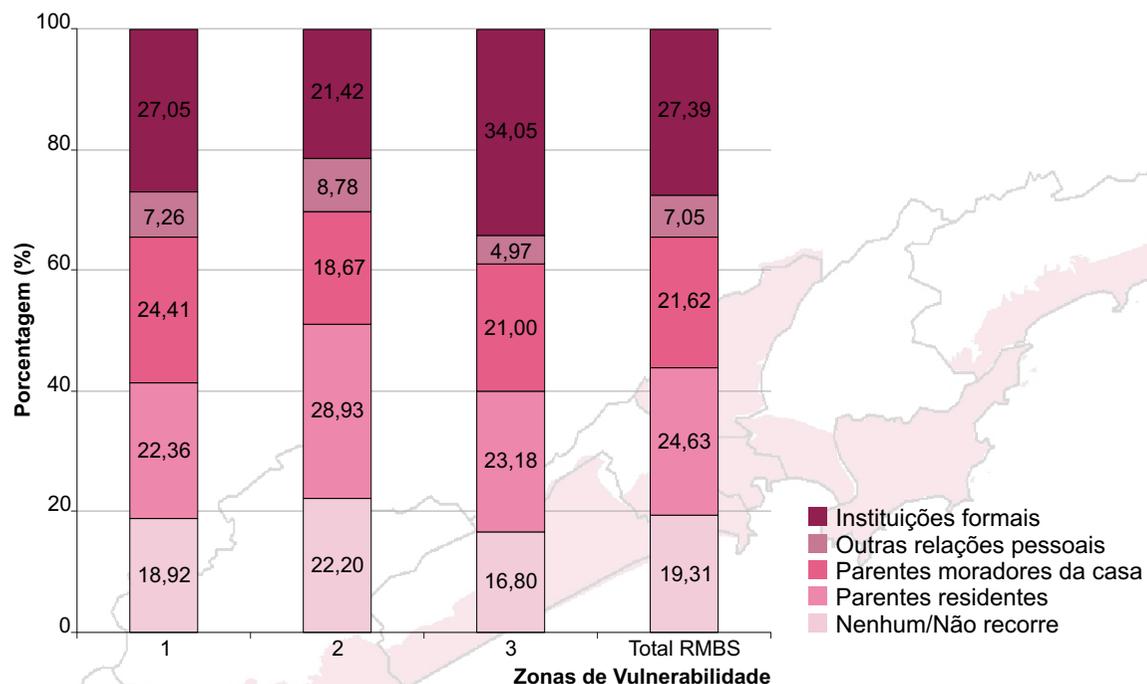
(*) excluídos os casos de não resposta

A tabela ao lado sintetiza dados que buscam identificar, através de situações hipotéticas, ainda que de modo rudimentar, eventuais redes de apoio e de informações para os domicílios investigados, que vão desde a necessidade de tomar dinheiro emprestado aos cuidados com as crianças, com idosos/enfermos ou com a casa na ausência da mãe ou no caso de se necessitar de uma ajuda extraordinária.

A primeira evidência de interesse é número de domicílios em cada uma das situações cujos responsáveis declaram que não buscariam nenhuma ajuda. Mesmo que este percentual, para algumas questões possa ser explicado pela situação particular vivida pelo domicílio no momento presente (por exemplo, crianças mais velhas podem ficar sozinhas, ou então nunca tenha se apresentado uma situação de doença a exigir ajuda extra), as negativas em três questões merecem atenção especial: os empréstimos em dinheiro, a ajuda em espécie ou pequenas quantias e as informações sobre trabalho, uma vez que dizem respeito à situação econômica destes domicílios. O percentual de negativas acima de 20% no caso das informações sobre trabalho e da ajuda em espécie ou em pequenas quantias, pode estar indicando tanto certa autonomia financeira quanto o extremo oposto, ou seja, a impossibilidade de se obter ajuda econômica ou informações e portanto, maior vulnerabilidade.

Porém entre os responsáveis que declaram que buscariam ajuda para a solução das diferentes situações, (e que correspondem à grande maioria, em todas elas) configura-se um padrão de forma muito significativa: em primeiro lugar, o recurso à instituições formais no caso de empréstimos em dinheiro (37,5%) ou informações sobre trabalho (41,64%). Estas instituições (como bancos, agências de emprego, sindicatos) são seguidas pelos parentes não residentes, no caso dos empréstimos em dinheiro (32,0%) e por outras relações pessoais no caso de informações sobre trabalho (18,7%). Já os parentes residentes são acionados preferencialmente em situações que envolvem serviços cotidianos: ficar com as crianças, cuidar de idosos/enfermos, cuidar da casa. A reforma ou construção da casa envolve o maior nível de formalização das relações sociais: 45%, embora não esteja totalmente descartada a ajuda de parentes, residentes ou não.

Domicílios urbanos: fontes de ajuda na solução do conjunto de situações, segundo Zonas de Vulnerabilidade



O exame destas fontes de ajuda, consideradas de forma agregada, para cada uma das ZVs revela certas diferenças. Conforme se verifica no gráfico ao lado, na ZV3 o recurso às relações formais é bem mais intenso do que nas demais, superando aí amplamente a busca de apoio em parentes residentes ou não. Contudo, nas ZVs mais vulneráveis o recurso às relações formais, embora menos intenso, tampouco é desprezível, chegando também a superar, na ZV1, a busca de auxílio entre parentes. A ZV2 parece depender mais do suporte familiar, e menos das instituições formais. Em ambas também é maior o número de responsáveis que declaram que não recorreriam a ninguém. Contudo, este último percentual mantém-se em patamares próximos e não muito altos (entre 17% e 22%) em todas as ZVs.

Na medida em que se pode considerar que a preferência por relações formais na solução de problemas representa condições favoráveis de acesso às estruturas de oportunidades oferecidas pelo mercado e pelo Estado, a RMBS configura-se como uma região onde o acesso a tais estruturas permeia todo o tecido social, embora de forma desigual.